

## **O CUIDADO E A EDUCAÇÃO ENQUANTO PRÁTICAS INDISSOCIÁVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**MACÊDO**, Lenilda Cordeiro de. – UFPB – lenildamacedo@ig.com.br

**DIAS**, Adelaide Alves. – UFPB – adelaidedias@oi.com.br

**GT:** Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07

**Agência Financiadora:** Sem Financiamento

Na atualidade, o tema da primeira infância tem recebido destaque em eventos internacionais e nacionais. Objeto de debates e discussões em fóruns mundiais, a primeira infância apresenta-se hoje como um dos principais objetivos de atendimento aos direitos sociais humanos.

No Brasil, essa temática ganha força a partir da promulgação da Constituição (1988) e da aprovação da LDB/96, que garantem o atendimento à criança pequena em creches e pré-escolas. Nestes textos legislativos, a primeira infância é referenciada como um tempo de cuidado e de educação. Isto significa que tal compreensão deve orientar as práticas da educação infantil, caracterizadas como ações de cuidar e educar de forma integrada da criança pequena.

Em face destes novos contornos conceituais, a pesquisa aqui desenvolvida buscou responder a seguinte questão: como as professoras<sup>1</sup> que atuam com crianças de 0 a 2 anos compreendem a relação cuidar/educar?

O pressuposto aqui assumido é que cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana. A palavra cuidar é de origem latina, derivada do verbo *cogitare*, porém, são encontradas referências também no vocábulo latino *curare*. *Cogitare* é sinônimo de pensar, supor, imaginar e *curare* implica em “tratar de por cuidado em”. Quanto ao verbo *cogitare*, origina-se do vocábulo *co-agitare*, significando agitação de pensamento, revolver no espírito, ou tornar a pensar em alguma coisa (MONTENEGRO, 1999, p. 64).

O termo cuidado é derivado do latim *cogitatus*. Silva (1949) diferencia seu significado de acordo com a função sintática: primeiramente, refere-se à atividade de pensamento, com a função de adjetivo e particípio do verbo cuidar, implicando em pensado, calculado, suposto, meditado. A segunda função da palavra refere-se ao campo das emoções, aparece com a função de substantivo masculino, significando desvelo, solicitude, diligência, vigilância, precaução.

---

<sup>1</sup> Elejo o gênero feminino (professora) porque os sujeitos da pesquisa constituem-se de doze profissionais deste sexo.

Sendo assim, é possível supor que a prática de cuidado tem duplo sentido, um no campo da ação do pensamento, reflexão, e outro no campo da aplicação do espírito, materializando-se em atitudes para com o outro, reafirmando a explicação dada pelos etimólogos sobre vocábulo de imprecisão de significados, voltado para a objetividade e para a subjetividade. Tomando por base tais considerações posso ressaltar que a ação de cuidar abrange aspectos cognitivos e afetivos.

Wallon (1995) atribui às emoções, que são essencialmente sociais, a responsabilidade pela sobrevivência da espécie humana, ou seja, as emoções contribuíram para a consolidação da coletividade. “A emoção serviu para essa forma de adaptação que consiste na ação comum, ajudou poderosamente na constituição do grupo” (WALLON, 1995, p.100). Para ele, os progressos da vida mental só foram possíveis graças à vida coletiva, esta permeada por emoções. Pode-se citar como exemplo, o recém-nascido, que tem suas necessidades biológicas atendidas por meio das emoções (choro, riso) que contagiam o outro, o adulto cuidador, o que vem a confirmar o componente emocional do cuidado.

As práticas de cuidado configuram-se como uma atitude fundamental à sobrevivência da espécie. O bebê humano não teria como sobreviver se não recebesse a atenção necessária, o desvelo, a intervenção do adulto próximo, sendo que é exatamente por meio das expressões emocionais que ele recebe estes cuidados. Isto implica dizer que as emoções que são em essência, contagiantes, medeiam as práticas de cuidar/educar mais primitivas. A propósito, a argumentação de Rossetti-Ferreira se faz oportuna, ao se reportar às práticas de cuidado e educação:

Admirável capacidade humana essa de aprender com os outros da mesma espécie e de se adaptar aos mais variados ambientes e situações. Estranho pensar que ela se funde em nossa extrema imaturidade motora ao nascer, que nos faz depender dos outros por longos anos. Em contraposição, nossa rica expressividade ao nascer, favorece nossa comunicação com os outros. Aqueles que nos cuidam medeiam nossas relações com o mundo (ROSSETTI-FERREIRA, 2003, p. 10).

A expressividade emocional da criança possibilita uma intervenção especializada da professora ou do adulto próximo por meio da mímica facial, da respiração, da postura, cujo modo de funcionamento se constitui em pistas sutis e reveladoras dos estados internos da criança, inclusive da sua disposição cognitiva.

As emoções são formas privilegiadas de comunicação da criança. As professoras devem compreender e ler tais expressões, assim como devem saber administrar o fluxo emocional no interior dos espaços pedagógicos infantis. A argumentação de Dantas (1992) é oportuna a este respeito: para ela as emoções não são consideradas nas práticas pedagógicas, pois na maioria das vezes, apresentam um caráter contagiante e anárquico. Contrapondo-se a tal pensamento, a autora recomenda a inclusão da educação da emoção como um dos propósitos da ação pedagógica, o que supõe, em seu entender, o conhecimento íntimo do modo de funcionamento das mesmas.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento afetivo, que está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento cognitivo (WALLON, 1995) também ocorre por meio dessas interações sociais. O adulto ensinante, mediador por excelência entre a criança e o conhecimento, necessita de aporte teórico/prático para ler as disposições afetivas das crianças, como as emoções, as quais são indicadoras privilegiadas, nessa fase, dos estados psicológicos. Sua expressividade, que possibilita a comunicação com o adulto por meio da mímica facial, é indicadora do estado da criança, como também, contagia o ambiente, impedindo que flua a atividade reflexiva. O que pressupõe uma ação eminentemente racional.

Tais argumentos expressam a complexidade e a importância das ações voltadas para a primeira infância e expressam também, que as práticas de cuidado/educação são ao mesmo tempo atitudes permeadas por aspectos afetivos, subjetivos e por aspectos racionais/objetivos, o que confirma a integração das mesmas no âmbito da educação infantil, sendo oportuna a definição do que significa cuidar da criança para Rosemberg:

Atender às suas necessidades de proteção, segurança, bem-estar, saúde. Estar atento a seus afetos, emoções e sentimentos, às relações com os outros, com as coisas, com o ambiente. Planejar um espaço que estimule sua inteligência e imaginação, que permita descobertas e aguce sua curiosidade (ROSEMBERG, 1999, p. 23).

As considerações acima se contrapõem ao pensamento tradicional ocidental que sempre considerou as práticas de cuidar/educar como preponderantemente femininas justamente por serem constituídas de afeto, de emoção, sendo este um dos principais motivos pelo qual as profissões que implicam em cuidado humano como, por exemplo, educação e enfermagem são relegadas a segundo plano.

Enquanto que o sentido etimológico da palavra cuidado implica em desvelo, solicitude, tendo significado emocional/afetivo e racional, a etimologia da palavra

educação remete ao grego *paidagógein* que significa conduzir. Compreendida como algo intrínseco as relações humanas e sociais, ou precisamente, fenômeno de apropriação da cultura, esta sendo entendida como expressão de toda criação humana.

As práticas de cuidar/educar implicam em atitudes e comportamentos que demandam conhecimentos, habilidades e até valores potencializados no sentido de contribuir para o desenvolvimento da criança. Isto significa, que o foco deve ser ajudar o outro a se constituir enquanto pessoa, a melhorar a sua condição de vida enquanto cidadão. Sendo assim, subjaz a idéia de que as ações de cuidado além de racionais são, sobretudo, interativas, pois demandam o desvelo, a criação de vínculos, o acolhimento do outro apesar das diferenças, a construção de conhecimentos culturais e atitudes sociais.

O desenvolvimento psíquico da criança se traduz a partir de interações entre a criança e o seu contexto, físico e social, sendo que as interações sociais, com professoras, educadores em geral, e demais crianças assumem papel privilegiado na construção do conhecimento. Todavia, essa construção se dá de modo mais significativo se imbuída de ludicidade e afetividade, ou seja, se acontecer de forma prazerosa.

Neste sentido, é possível afirmar que o desenvolvimento integral da criança só pode se materializar a partir da superação da dicotomia cuidar/educar e conseqüentemente, por meio da integração destes dois processos. Não se concebe mais uma educação que divide, parte o ser humano, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo e também do social e do motor.

As aprendizagens envolvem, não apenas conhecimentos culturalmente difundidos, mas, sobretudo, a construção da identidade e de atitudes básicas para a socialização dos indivíduos sendo uma aprendizagem fundamental a relação com o outro, os afetos envolvidos, a capacidade expressiva das emoções, entre outros.

Considerando que a prática de cuidado e educação é essencialmente uma ação que envolve pessoas completas, em suas dimensões cognitivas, afetivas, motoras e sociais, urge acrescentar o caráter multifacetado deste atendimento que, por se constituir de relações com crianças pequenas, potencializa a constituição de vínculos entre a criança e os adultos ensinantes.

As formas de comunicação entre as crianças e o adulto cuidador são múltiplas e diferenciadas, as quais estão imbuídas de sentimentos, de emoções e, sobretudo, de subjetividade, de formação da auto-estima e de constituição da identidade da criança. Tudo isto implica em atos de cuidado e educação. A forma como a professora concebe

as manifestações das crianças, as interações criança-criança, criança-adulto, as mediações resultantes das atividades de higiene, de alimentação, de música, de leitura, entre outras, estão intrinsecamente relacionadas, mediadas pelos atores do processo educativo que vão ressignificando os conteúdos trazidos por cada um. A propósito, Rossetti-Ferreira (2003, p. 10), ao se reportar à integração entre as funções de cuidar/educar, cita um ditado xhosa, língua materna de Nelson Mandela: “Pessoas são pessoas através de outras pessoas”.

Todavia, tenho presenciado nas instituições de atendimento às crianças pequenas professoras com funções hierarquizadas, ou seja, há aquelas, sempre com melhor formação que se dizem mais preparadas para realizar as atividades educativas, mais escolarizantes e há as que geralmente não possuem formação específica para realizar atividades educativas. Estas últimas ficam com as funções de cuidado como alimentação, banho, troca de roupa, higiene, entre outras o que é inconcebível, pois ambas as funções são indissociáveis.

O processo de cuidado e educação das crianças pequenas se torna mais efetivo e, por conseguinte, prazeroso quando há um envolvimento real, uma sintonia entre quem cuida e quem é cuidado, por meio da qual a professora é capaz de ler as múltiplas expressões das crianças, suas formas diferenciadas de comunicação e ação e intervém no sentido de acolher e envolver a criança no espaço educativo, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma o que pressupõe a indissociabilidade de ambas as ações.

### **Pedagogia da Infância: Uma Concepção de Educação e Cuidados Para as Crianças de 0 a 6 Anos**

Tendo em vista as singularidades das crianças pequenas e, portanto, a complexidade das ações envolvidas em seu atendimento, cuidar numa perspectiva educativa, urge que se construa uma pedagogia específica para a educação infantil, defendida por Rocha (1999).

O termo “pedagogia da infância” foi cunhado por Rocha, em sua tese de Doutorado. Com este termo, a autora defende a possibilidade de desenvolver uma autêntica Pedagogia da Educação Infantil, cujo objeto de estudo são as próprias crianças, seus processos de constituição em diferentes contextos. Esta pedagogia transcenderia os conhecimentos didáticos resultantes de uma ação pedagógica escolar e

dos processos de ensino-aprendizagem que não resultam adequados para analisar aqueles espaços pedagógicos não-escolares, tão frequentes na atenção das crianças de 0 a 6 anos (ROCHA, 1999).

Em outras palavras, uma pedagogia da infância configuraria-se, sobretudo, como processos que contemplam o cuidado e a inserção social da criança, tendo em vista suas singularidades/peculiaridades e diferenças inerentes à faixa etária de 0 a 6 anos.

Por ser um campo de estudo recente, a “pedagogia da infância” constitui-se em um espaço aberto para pesquisas em prol de uma ação específica, diferenciada das ações desenvolvidas no ensino fundamental. Isto porque, a característica peculiar das práticas de cuidado e educação de crianças pequenas impõe ações diferenciadas e multifacetadas, supondo conhecimentos profundos nas áreas de sociologia, antropologia, filosofia, história, saúde, psicologia, entre outras. Tais áreas dão suporte para a definição de uma pedagogia da educação infantil, possibilitando assim que o conhecimento psicológico não seja a única referência para a prática das educadoras. Nesta direção, urge que a formação para atuar com esta faixa-etária seja específica peculiar ao campo da educação infantil e geral em termos de abrangência, amplitude e profundidade.

Entretanto, a compreensão de que as ações de cuidar/educar estão intimamente relacionadas e visceralmente imbricadas ainda não é suficiente para que superemos a dicotomia historicamente construída entre esses dois processos no tocante à atenção que se dá à criança no Brasil. Tal dicotomia transcende o campo meramente pedagógico e se insere no terreno do campo político.

Observando-se a trajetória da educação infantil no Brasil, podemos constatar que a prática hegemônica configura-se em uma cristalização entre as dimensões do cuidado e da educação. Enquanto as creches, em sua origem, eram de caráter filantrópico/assistencialista, cuja finalidade era a guarda dos filhos das mães trabalhadoras, em contrapartida, as pré-escolas surgem com caráter educativo/pedagógico tendo como finalidade preparar as crianças para o ingresso na vida escolar.

Todavia, para que haja uma superação da cisão histórica entre cuidar/educar é preciso conceber a educação infantil como fruto de ações complementares e amplas de cuidado e educação, tendo como suporte propostas pedagógicas que levem em consideração a criança como um ser completo em suas dimensões cognitivas, afetivas, psicomotoras e sociais, como também, é imprescindível considerar o contexto de vida

mais imediato das crianças, suas necessidades, peculiaridades e diferenças culturais, étnicas e de gênero.

Nessa perspectiva, pressupõe-se que a prática docente na educação infantil deve ter como ponto de partida a concepção de criança enquanto ser histórico-social, ativo no processo de construção do conhecimento, cidadã detentora de direitos, como também, a concepção de educação enquanto prática social humana, inserida em uma sociedade marcadamente contraditória, constituindo-se como um mecanismo de expressão de ideologias, valores e atitudes da sociedade.

Portanto, o grande desafio posto é assegurar no âmbito das instituições de educação infantil, creches e pré-escolas, as funções de cuidar/educar. O objetivo a ser alcançado é o desenvolvimento integral da criança. Neste desafio, se encontra a amplitude das ações, que não têm como se concretizar se não por meio da integração destas práticas que estão implicitamente ligadas. Tanto nas creches como nas pré-escolas ou instituições equivalentes, a criança tem necessidades e direitos de ser cuidada e educada como um todo.

Não se concebe uma educação infantil em que não estejam presentes os cuidados com o seu corpo, sua alimentação, sua saúde, seu crescimento e seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo. É importante ressaltar que qualquer atividade que tenha como referência a criança, seja na família ou na instituição é multireferencial, implica em ações educativas e de cuidado.

Nesse sentido, é possível afirmar que a cisão entre as ações de educar e cuidar se configura como uma atitude incoerente e inconseqüente que tem imprimido a educação infantil marcas de fragmentação e inconsistência manifestas por diferentes concepções e ideologias. Ademais, acolher a criança do ponto de vista integral, implica em atender suas individualidades, compreender suas manifestações emocionais, agir sobre elas, acatá-las como linguagem própria das crianças pequenas, dar e receber afeto, proporcionar o desenvolvimento da autonomia, por fim, contribuir para a constituição do eu da criança. Neste sentido, é preciso conhecer de forma ampla o que significa cuidar e educar e quais as ações e os comportamentos que estão implícitos e explícitos em tais atividades.

## **Metodologia**

Para a produção e análise dos dados empíricos adotei o modelo quanti/qualitativo de pesquisa. A pesquisa foi realizada em seis creches municipais da

cidade de Campina Grande, na Paraíba. Os sujeitos participantes foram doze educadoras (6 professoras e 6 auxiliares) que atuam com crianças de 0 a 2 anos de idade.

Os critérios de escolha para a participação dos sujeitos foram os seguintes: contemplar professoras de todas as creches que atendem crianças de 0 a 2 anos; proporcionalidade entre a quantidade de profissionais por creche; formação profissional; tempo de atuação; função exercida na creche (auxiliares e professoras). Os instrumentos utilizados para a produção dos dados constaram de um questionário e de entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas foram realizadas no período de maio a junho de 2004 com o auxílio de um aparelho de áudio-gravação. Considerando os objetivos propostos elegi algumas questões que foram feitas de acordo com a necessidade, tendo em vista esclarecer melhor a opinião das entrevistadas a respeito do tema discutido. Isto porque, a complexidade que envolveu as questões de pesquisa impôs tal procedimento. As questões elencadas foram as seguintes: fale sobre a sua rotina de trabalho com as crianças, Como você integra o cuidar ao educar nestas atividades que você descreveu? Para você, é mais importante cuidar ou educar? Em sua opinião, quando você cuida você está educando? Qual o aspecto que deve ser mais enfatizado nesta fase?

A fim de proceder à análise dos dados produzidos, as falas das professoras foram transcritas na íntegra e, posteriormente, foram submetidas a procedimentos de Análise de Conteúdo.

### **Cenas do Cotidiano: Desvelando o Instituído**

Os resultados da análise apontam que das doze professoras entrevistadas apenas duas (16,7%) demonstraram uma compreensão mais substancial do significado do cuidar e educar. As demais (83,3%) demonstraram em seus discursos uma compreensão frágil do cuidado sendo esta ação entendida simplesmente como atenção física e/ou higiene e a ação educativa entendida em separado, ora como disciplinamento moral, ora como pedagogia voltada para a aquisição de habilidades motoras tendo em vista o futuro ingresso na escola. Em síntese, compreendem o processo educativo como moralização dos comportamentos cujo foco é a adaptação da criança às situações sociais.

A imprecisão conceitual do termo cuidado presente nas falas das entrevistadas ficou subjacente não apenas nos discursos de todas as auxiliares de ensino entrevistadas,

mas também no conteúdo das falas das professoras com formação superior na área de educação, inclusive, com formação específica em educação infantil. Vale salientar, portanto, que a compreensão mais coerente da relação cuidar-educar ficou perceptível na fala de duas professoras cuja formação superior não é em pedagogia.

No tocante ao aspecto mais importante a ser trabalhado na educação infantil, das onze professoras que fizeram referência a esse tema na entrevista (45%) ressaltaram que todos os aspectos da criança devem ser considerados importantes no trabalho com as crianças; enquanto que 55% destas profissionais ainda percebem o ser humano dividido.

Urge enfatizar que todas afirmaram, a princípio, que cuidam e educam ou que quem cuida educa, entre outras expressões, todavia, a análise do conjunto das falas a partir das questões elencadas evidenciou que a grande maioria das professoras (83,3%) ainda não compreende como se dá a complexa relação cuidar/educar.

No fragmento da fala de uma entrevistada, a compreensão do cuidar/educar enquanto ações interdependentes parece estar clara:

*Então pra mim, todas as horas eu considero educativas. Eu to sempre... eu gosto de tá junto interagindo com eles pra eles saberem sempre que eu considero tudo que eles fazem importante. Ele pegar um sabonete já é alguma coisa ela tá mostrando que ali que ela tem ação, criança ativa né? Já ta ali... tem criança que, que vai tomar banho e fica ali bem passiva espera só que a gente limpe. Só que eu vou começando mostrar que não, que ele pode fazer o que quiser, ele pode interagir, ele pode botar o xampu na cabeça né? Pode passar o sabonete e tem uns que vão passar o sabonete e passam na cabeça, “não é no corpinho...” (E2).*

Para essa professora o cuidar, ação que predomina no atendimento das crianças pequenas, sobretudo no que diz respeito às crianças de 0 a 2 anos, assume uma perspectiva ampla, educativa, não se refere apenas às atividades básicas de sobrevivência humana tais como alimentação, higiene, sono e guarda. Ao mesmo tempo em que se cuida se proporciona educação entendida aqui como processo cultural. A propósito, o documento preliminar da *Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação* (BRASIL, 2005) assume a concepção de que a educação infantil deve pautar-se pela indissociabilidade entre o cuidado e a educação.

Perceber a indissociabilidade das ações de cuidado e educação significa que a criança está sendo compreendida como cidadã em processo de desenvolvimento e como

tal necessita de cuidados especiais em complementação à ação da família. Implica, sobretudo, respeitar o sujeito criança que está em processo de constituição.

Tal procedimento consubstancia a formação integral da criança (LDB/96) ao se privilegiar não apenas a ação de cuidado meramente no sentido de atenção física, higiene, mas, sobretudo, quando a professora aproveita esses momentos preciosos para interagir com a criança, criar vínculos, estabelecer relações de proximidade e assim, ajudá-la a construir a sua identidade. Montenegro (1999) ressalta que as ações de cuidado são parte constitutiva da consciência moral das pessoas, ou seja, cuidar implica em compreender o outro, ser generoso para que este possa se constituir enquanto pessoa, “o desenvolvimento é sempre um processo que envolve outros sujeitos e elementos culturais, impulsionados pelos valores” (MONTENEGRO, 1999, p. 141).

Outras professoras, apesar de terem expressado que o cuidar está relacionado ao educar e que ambas as ações são importantes, no decorrer de seus discursos apresentaram contradições: Afirmam que o cuidar e o educar estão interligados, todavia, ao descreverem as suas práticas revelaram uma frágil compreensão do cuidado entendendo-o apenas como atenção física, conforme expresso no fragmento de fala abaixo:

*... nessa rotina além do cuidar a gente também desenvolve as atividades pedagógicas né? Que tem o momento de ir pro solário que eles ficam à vontade, tem os brinquedos assim como o escorrego que eles gostam muito, é o balancinho, a casinha, que eles ficam lá brincando (Educadora 8)*

Frente a estas colocações, pude perceber que o entendimento superficial do que significa cuidar potencializa determinadas práticas no cotidiano da creche em detrimento de outras. As professoras sabem que as suas funções implicam em cuidar e educar, entretanto, percebem essas duas ações em separado. Sendo assim, como as atividades de cuidado pessoal demandam maior tempo na creche, as atividades pedagógicas, conforme elas denominaram, ficarão necessariamente em segundo plano:

*Eu tomo conta dos pequenininhos, mas na hora do trabalho pedagógico eu ajudo a professora que toma conta dos maiores. Ela usa papel, usa lápis, usa cola colorida. Eu converso com a criança, dou o brinquedinho, mas o trabalho mesmo como a gente tem no planejamento como é, como é pra ser não dá, a gente não consegue de jeito nenhum. Até esses trabalhos pedagógicos tem o horário e é corrido (Educadora 11).*

Além do mais, ao descreverem como integram o cuidar ao educar na rotina da creche a educação ganha status de disciplinamento moral, ou seja, ensina-se às crianças a como agir e se comportar junto aos colegas, frente às situações cotidianas, tendo em vista o ingresso posterior no maternal:

*...os meus que já são maiorzinhos eu já coloco eles no bojo daí ensino que não é pra fazer na fralda que é pra fazer ali, eles às vezes ele nem faz...mas o que eu posso assim orientar, quando tá batendo no coleginha eu falo pra não bater, os maiorzinhos que não pode bater nos pequeninhos tudo isso eu oriento. É uma educação, com certeza. Os pequeninhos a gente bota pra fazer a fila eles não fazem, mas agente coloca. É engraçado. A gente manda pegar na mão pra sair na filinha, às vezes eles soltam mais a gente tenta porque quando vai pro maternal ai tem que fazer né?(Educadora 11).*

Pude inferir, mediante o fragmento da fala, que ainda existe uma frágil compreensão do que significa cuidar. Para Montenegro (1999) o cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana o que implica dizer que as ações de cuidar, diferentemente do que pensa a grande maioria das professoras não significa apenas atender às necessidades básicas de sobrevivência humana. Contrapondo-se a esse pensamento simplista, o cuidar do ponto de vista da filosofia supõe ações racionais, de reflexão, como também significa desvelo, solicitude, vigilância (SILVA, 1949). Sendo assim, posso concluir que o cuidado, de acordo com o ponto de vista das professoras supracitadas, está sendo percebido apenas como desvelo, vigilância o que é uma dimensão importante, porém não a única.

Ensinar a criança a ter independência frente a determinadas situações como aprender a controlar os esfíncteres, e ajudá-las a compreender que devem respeitar os colegas são questões importantes que devem ser aprendidas ao longo do processo, respeitando-se, entretanto as necessidades e capacidades das crianças, todavia percebe-se uma concepção muito reducionista neste discurso. A criança deve aprender a respeitar e fazer fila quando tiver realmente necessidade de usá-la e este não parece ser o caso ainda. A perspectiva parece ser a de ensinar para que elas possam ingressar no maternal e assim por diante e não porque estas aprendizagens são importantes para o seu desenvolvimento e bem estar. Em síntese, o foco está sendo adaptar as crianças às situações sociais o que pressupõe um modelo de educação que retarda, de certa forma, o

desenvolvimento da autonomia da criança, pois outros aspectos do sujeito estão sendo relegados a segundo plano.

Kulhmann Jr. (1998) identificou a existência dessas práticas de cunho moralizante bem antes da educação infantil ser considerada um direito e de a creche ter recebido o status de espaço educativo. Esta prática moralizante que vigora até os dias atuais pode significar uma tendência compensatória de “proteção” das crianças, dos males da pobreza a partir de um modelo de educação único e homogêneo.

Ao darem ênfase ao disciplinamento moral tendo em vista o futuro ingresso nos grupos posteriores da creche as professoras estão desprezando algumas práticas fundamentais com relação às brincadeiras das crianças, linguagem predominante nesta fase. Ao brincar, explorar o espaço, os objetos e materiais as crianças potencializam não apenas a dimensão social, mas, especialmente, a motora, a cognitiva e a afetiva. Bondioli e Mantovani (1998) ressaltam que alguns princípios devem ser levados em consideração na didática do fazer na creche, os quais são: ludicidade, continuidade e significatividade. Portanto, as práticas na creche devem ser pensadas a partir dos mesmos.

O processo pedagógico nas instituições coletivas de cuidado e educação deve considerar, dentre outros aspectos, a brincadeira como forma privilegiada da criança conhecer o mundo (BRASIL, 2003). Neste enfoque, o prazer, a alegria, o bem estar devem ser elementos garantidos no espaço da creche uma vez que o que está em jogo é a construção da pessoa e não a preparação para as etapas posteriores.

Ao explicitarem suas idéias sobre o aspecto mais importante a ser trabalhado na educação infantil os resultados apontaram que a maioria das professoras percebe o ser humano dividido em partes. Isto implica que se a criança é percebida a partir dessa perspectiva fica, portanto, mais complicado entender que quando cuidam estão educando. Para elas estas ações se dão em separado porque o ser humano o é.

Oliveira (2002) ressalta que os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais devem ser tratados prioritariamente como dimensões do desenvolvimento e não como áreas separadas. Sendo assim, pode-se inferir que a compreensão do cuidar/educar passa, sobretudo, pelo entendimento de que a criança é um ser integral, portanto, toda e qualquer prática na creche deve ser entendida como multireferencial.

Ademais, ao se referirem ao afeto como aspecto mais importante a ser trabalhado ficou subjacente no discurso de algumas professoras o afeto como uma forma de compensar as crianças, ou seja, o afeto passa a significar uma forma de

“paparicação”. A idéia implícita é de que as crianças são “carentes” até de afeto, pois são oriundas de famílias economicamente pobres:

*... assim porque essas crianças é não têm, pelo menos a maioria a gente sente isso, não tem nenhum tipo de afeto em casa e se a mãe não tem afeto à criança conseqüentemente ela não ajuda à criança em nada, cria assim, como diz o ditado, como batata na beira do rio e a gente dá isso pra eles (Educadora 9).*

Essa idéia de compensar as carências reflete, sutilmente, um certo preconceito com relação à criança da classe popular e, por conseguinte, sua família. Ao afirmar que a família não tem nada para oferecer à criança tal pensamento demonstra que ainda impera no espaço da creche a desvalorização e o desrespeito pelos valores e até mesmo pelos conhecimentos trazidos pelas crianças. Ademais, a visão de favor, caridade é ainda bastante presente.

Ao longo dos anos se naturalizou o gostar como algo essencial para lidar com crianças e isto refletiu fortemente na forma de conduzir as políticas públicas voltadas para essa área, sobretudo, no tocante à formação e valorização das professoras. Além do mais, ao se eleger o afeto como elemento primordial, foram colocados em segundo plano outros aspectos igualmente importantes na constituição dos sujeitos cidadãos. Haddad (2003) propõe a superação desse modelo bipolar existente em alguns países como o Brasil, onde as práticas de compensar as carências afetivas e sociais são consideradas as mais importantes.

Outrossim, a relação de ajuda e respeito aos valores e conhecimentos da família é primordial nessa etapa da vida. Bondioli e Mantovani (1998) denominam a pedagogia da creche como pedagogia da relação tendo em vista a essencial interação entre professoras, crianças e família.

Cabe registrar que a cultura das creches na cidade italiana de Reggio Emília foi construída com a participação dos pais, da própria comunidade e dos demais educadores das instituições, pois a educação da criança pequena é bastante desafiadora para a qual convergem conhecimentos científicos e práticos, reflexões e teorias (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998).

Para as professoras que apresentaram uma compreensão mais sólida do cuidar-educar como ações interdependentes todos os aspectos são importantes para a constituição dos sujeitos criança destacando, inclusive, o afeto como um elemento fundamental no processo de construção da identidade, o qual também funciona como o

motor para desenvolver os demais aspectos conforme está expresso no fragmento de fala abaixo:

*Eu diria todos né?. Pronto. Eu, eu mesmo eu acho que todos os aspectos, um depende do outro. Porque se você trabalha a parte cognitiva, mas você num trabalha a parte afetiva, você esquece né? O ser humano num é feito de partes assim isoladas, ou seja, somos um corpo. E todos os membros contribuí para o desenvolvimento desse corpo. Então... todos os aspectos pra mim é essencial. Eu não vejo como separar um do outro (Educadora 3).*

Assumir essa postura em relação ao aspecto afetivo é fundamental. Olhar o afeto não como um favor, como dádiva, “paparicação”, mas como algo inerente ao ser humano e que, portanto, deve ser respeitado e acima de tudo, incluído como aspecto a ser desenvolvido juntamente com os demais se constitui em uma prática essencial na creche. Para Wallon (1995), o desenvolvimento afetivo está intimamente relacionado ao cognitivo, ou seja, são interdependentes. Sendo assim, a criança tem direito a expressar e criar vínculos afetivos no espaço da creche, pois estes são fundamentais até mesmo para expressar seus desejos e necessidades.

O choro é uma das primeiras expressões do bebê que se caracteriza por seu forte teor de contágio justamente porque ele não tem outra forma amadurecida de comunicação com o meio. Além do mais, a creche é um ambiente fortemente envolvido por expressões emocionais/afetivas como o choro, a raiva, a ansiedade que precisam ser compreendidas, mas não alimentadas. As professoras devem compreender os motivos das emoções evidenciadas e ajudar as crianças à, progressivamente, expressarem seus desejos e necessidades por outras vias mais complexas (DANTAS, 1992).

Por fim, é preciso ressaltar que a função da educação infantil é o cuidar e educar de forma integrada. As crianças de 0 a 6 anos precisam de ambas as ações: cuidado e educação que devem ser compreendidos como faces da mesma moeda de modo que elas possam viver plenamente a sua condição de infância, que implica em fantasia, em ludicidade, em criar cultura, em transgredir, em surpreender, em maravilhar sempre...

### **Considerações Finais**

O estudo evidenciou que ainda é forte no interior das creches a dicotomia entre as ações de cuidado e educação. O cuidar ainda é considerado como atenção meramente

física, portanto, como algo simples de realizar, atividade de menor valor. Ademais, está diretamente relacionado com o afeto, entendido como “paparicação”, que as professoras devem expressar pelas crianças. Quanto à educação, esta é ressignificada como pedagogia de caráter moral disciplinador tendo em vista o ingresso das crianças em grupos posteriores na creche e/ou escola.

As professoras ao afirmarem que em um determinado momento cuidam e em outro realizam atividades pedagógicas, e que o ser humano pode ser dividido em partes evidenciam que não conseguem perceber de fato como se dá a relação cuidar/educar, uma vez que é contraditório pensar estas duas ações em separado. Para Didonet (2003), as ações na creche são interligadas. O que significa afirmar que o conteúdo educativo na creche está permanentemente interligado aos gestos de cuidar. Além do mais, quando se cuida sem nenhuma intencionalidade educativa, na verdade está se contribuindo para a permanência da pessoa em determinada posição na sociedade, conferindo-lhe determinado papel como assevera Rossetti-Ferreira (2003).

Os resultados apontam, também, para a necessidade premente de se reestruturarem cursos de nível superior específicos para professores desta etapa educativa. As universidades e cursos de formação tradicionalmente atribuem maior importância a conteúdos que formam professoras para atuar nas escolas, ou seja, a referência de ensino tem sido a escolar e esta não tem dado conta da pedagogia da creche que é em essência multireferencial e interdisciplinar (ROCHA,1999).

Um componente curricular que me pareceu fundamental ser incorporado aos cursos de formação de professores para atuar nesse segmento é o cuidar-educar na perspectiva da filosofia, pois compreender os fundamentos e a essência dessas duas ações pode significar uma mudança importante na prática da educação infantil.

Face ao exposto, os dados sinalizam essencialmente para a reformulação das políticas de formação para essa área tanto no que se refere à formação inicial como no tocante à formação continuada, isto porque a formação profissional é um fator não determinante, mas de fundamental importância para a realização de uma educação infantil de qualidade social.

## **Referências**

BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna. *Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos: uma abordagem reflexiva*. Trad. Rosana Severino di Leone e Alba Olmi. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 13-42.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

\_\_\_\_\_. *Constituição Federal da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Política Nacional de educação Infantil: pelos direitos das crianças de 0 a 6 anos à educação*. Brasília: MEC/SEIF/COEDI, 2005.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vigotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98.

DIDONET, Vital. Não há educação sem cuidado. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1, abril/julho 2003, p.6-9.

HADDAD, Lenira. Um novo paradigma na integração do cuidar e do educar. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1 abril/ julho, 2003, p. 10-12.

KULHMANN Jr. Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MONTENEGRO, Maria Thereza T. *A educação moral como parte da formação para o cuidado na educação infantil*. São Paulo, 2001. 177 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA. Estela Maris. L. A legislação e as políticas nacionais para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M. Lúcia de A. (org) *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 35-42.

ROCHA, Eloísa Acires Candau. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. Campinas, 1999. 188 p.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educar e cuidar como funções da educação infantil no Brasil: perspectiva histórica. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade de Campinas, 1999 (mimeo).

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A necessária associação entre educar e cuidar. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1 abril/ julho, 2003, p. 10-12.

SILVA, Antonio M. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1949.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. trad. Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alixandria, 1995.